New York Times Bestselling Author

KYLIE SCOTT

BEGINNING OF THE END

A Prequel Novella



VISIT…

LANZAROTE

Caliente.COM



Família Wings

01/2024

Aviso

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo—os e disponibilizando—os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo—se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a

presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Sinopse

Quando o namorado dela anuncia que aceitou um trabalho por um ano em Londres, Susie fica aliviada porque Aaron sugere um relacionamento à distância.

Mas então isso a faz pensar.

É imaginação dela ou ele parece um pouco ansioso para ir embora? Ela está interpretando muito a empolgação dele em entrar na cena dos pubs britânicos? E todos os relacionamentos esfriam depois de um tempo... certo?

À medida que a partida de Aaron se aproxima, Susie confia em sua tia favorita e melhor amiga para ajudá-la a descobrir: será este o começo do fim ou apenas o começo de algo ainda melhor?

Playlist de Kylie

“Rebel Girl” by Bikini Kill

“On the Sunny Side of the Street” by Ernestine Anderson & George Shearing

“Like Me Better” by Parisalexa

“Seasons” by Chris Cornell

“Crimson Wave” by Tacocat

“Something’s Gotta Give” by Bing Crosby

“May This Be Love” by Jimi Hendrix

“Crooked Teeth” by Death Cab for Cutie

“About a Girl” by Nirvana

“You Don’t Know Me” by Ray Charles

“Crazy on You” by Heart

“Open the Door” by Grace Love

“Yellow Ledbetter” by Pearl Jam

“The Story” by Brandi Carlile

-

Um

— Você vai se mudar para Londres? — Eu perguntei estupidamente pela segunda vez.

— É uma grande oportunidade para mim. — Aaron empurrou para o lado os restos de seu macarrão de aletria com costela refogada. Como se de repente os tivesse achado desagradáveis. Este não foi o primeiro beicinho que ele fez em um de nossos encontros. Sendo filho único, ele estava acostumado a fazer as coisas do seu jeito. O que pode ser meio frustrante. Já éramos um casal há algum tempo. Tempo suficiente para que o período de lua de mel tenha acabado, aparentemente. — Achei que você ficaria feliz.

— Eu, hum... sim. É só uma surpresa, sabe?

Uma carranca cruzou seu rosto bonito. — Só ficarei fora por um ano. — Ao nosso redor, as pessoas comiam, conversavam e aproveitavam a noite de terça-feira.

O café vietnamita era um local popular à beira-mar em Ballard, Seattle. Tinha um teto alto e luzes pendentes modernas e claras. E as pessoas na mesa ao lado agora perceberam a vibração infeliz e o tom de voz conciso do meu namorado e estavam ouvindo nossa conversa de maneira não tão sutil. Eca.

Gente. Sério. Se ao menos você pudesse pedir um cone de silêncio junto com sua entrada.

— É claro que estou animada por você, — eu disse.

— Você está?

Depois de quase um ano com Aaron, era deprimente saber que eu ainda não estava acertando essa coisa de relacionamento. Ainda sem apoia-lo da maneira que ele queria. Fiz trinta anos este ano. Não deveria ser tão difícil. Mas aqui estávamos nós. Nossos planos iniciais para esta noite eram jantar em minha casa, pedir a comida e relaxar. Então, no último minuto, ele mudou de ideia e quis sair. Me chame de curiosa.

— Você decidiu me contar em um restaurante porque estava preocupado que eu ficaria chateada? — Eu deixei escapar antes que a sanidade pudesse me impedir. Minha boca às vezes era assim: nenhum filtro era encontrado.

— O que? — Ele hesitou por um momento. — Não. Claro que não.

— OK.

— Por que você pensaria isso?

— Não sei...

— Você é minha parceira, Susie. Minha namorada. — Ele passou a mão pelo cabelo escuro e liso e ajeitou a gravata. — Queria sair e comemorar, compartilhar essa notícia importante com você.

Eu apenas balancei a cabeça. Algo dentro de mim, porém, estava inquieto. Eu não estava muito convencida. Era hora de colocar minha calcinha de menina crescida e fazer a grande pergunta. — Como você vê que isso nos afetando, Aaron?

— Não sei. — Ele encolheu os ombros e recostou-se no assento. O que não era promissor. — Por que alguma coisa precisa mudar?

— Para começar, viveremos em países diferentes. Isso é meio grande.

— Sim. — Seu olhar percorreu a sala. — Mas como eu disse, é temporário.

Sentada na beirada do meu assento, inclinei-me para mais perto dele, evitando por pouco mergulhar meu amplo peito e meu novo suéter de cashmere preto na tigela de tofu picante de capim-limão. — Então você está dizendo que quer que tentemos um relacionamento à distância? É isso que você está dizendo?

Ele sacudiu o queixo em um aceno de cabeça. E isso foi tudo.

— OK. — Respirei fundo e soltei lentamente. — Por um minuto pensei que você estava terminando comigo.

— Você e sua imaginação. Você é sempre tão emotiva. — Ele estendeu a mão e deu um tapinha na minha com um sorriso. — Estamos nos divertindo, não estamos? Estamos bem juntos?

— Claro.

— É isso que importa. — Ele pegou sua cerveja e bebeu um gole. Enquanto isso, as mulheres da mesa ao lado assistiam com admiração. Isso acontecia o tempo todo. Aaron era bonito como uma estrela de cinema. Um metro e oitenta de altura, cabelos escuros e constituição atlética, enquanto eu tinha altura e peso médios e pele

pastosa que se recusava a bronzear. Nós nos complementávamos, eu acho. Mas eu divago. Adicione a confiança natural de Aaron e um terno bem ajustado e você terá um homem que chama muita atenção. Ele basicamente parecia um Príncipe Encantado moderno. Então era uma pena que ele fosse um pouco lento em relação aos seus sentimentos.

No entanto, ninguém é perfeito. Eu certamente não sou, mas mesmo assim o homem me escolheu. E considerando que eu não tinha o melhor histórico de relacionamentos, considerava isso uma vitória total.

Quanto mais eu ficava ali sentada pensando que estaríamos em um relacionamento à distância, mais coisas positivas me vinham à mente. As coisas estavam um pouco erradas entre nós ultimamente. Nos últimos meses, eu acho. Sua tendência de se envolver no trabalho, nos amigos e assim por diante havia aumentado. Às vezes parecia que eu não era uma prioridade. Como se não tivesse entrado em sua lista de tarefas. E já fazia um tempo que eu não sentia que tinha toda a sua atenção.

O sexo também se tornou um pouco aleatório, para ser completamente honesta. Tipo nos últimos seis meses ou mais. As coisas haviam se tornado rotineiras, em oposição à corrida frenética dos primeiros dias. Tentei comprar lingerie e montar o cenário com velas e música ambiente. Mas ainda assim, foi superficial. Ele gozava e eu não. Ou, pelo menos, só gozava mais tarde, quando poderia cuidar dos negócios sozinha.

Mas todo relacionamento passa por períodos de crescimento, certo?

Eu estava empenhada em fazer esse trabalho. Quando pensava no futuro, era com Aaron ao meu lado. Meus pais se divorciaram quando eu era jovem.

Sem dúvida, eles não foram modelos de um relacionamento saudável e amoroso. Era como se já tivessem desistido um do outro há muito tempo quando meu irmão Andrew e eu nascemos. Eu não faria o mesmo. Esse relacionamento era o mais longo de todos e poderia e iria funcionar.

Nós nos conhecemos do lado de fora de um bar uma noite, quando meu carro não pegava. Aaron e seu amigo Lars pararam para ajudar. Enquanto Aaron e eu flertamos, Lars descobriu que eu precisava de uma bateria nova. Ele até conhecia um serviço para ligar que a traria imediatamente. Fale sobre ser útil. Depois que tudo foi resolvido, paguei algumas rodadas de bebidas para agradecer. Aaron foi charmoso, atencioso e perfeito, na verdade. Simplesmente perfeito. O homem me surpreendeu. Ele ouviu quando eu falei e levou a sério a mim e aos meus pensamentos e sentimentos. E eu sabia que poderíamos voltar a isso.

Se Aaron e eu estivéssemos a meio mundo de distância um do outro, isso poderia lhe dar mais chance de sentir minha falta e do que tínhamos juntos. No final do dia, poderia ser exatamente o que precisávamos. Nunca se

sabe. Com o tempo separados, poderíamos construir o desejo novamente. Não sei. Era uma teoria funcional.

Depois surgiu a ideia de eu visitá-lo em Londres. Que legal! Ah, as compras e os passeios turísticos que eu faria.

— Uma semana não é muito para você se organizar. — Puxei minha trança. Um velho hábito nervoso. — Quando eles te contaram? Quando decidiu aceitar o cargo?

— Não muito, — ele se esquivou. — Um pouco. Não importa.

— Tudo bem. — Era hora de abandonar minhas reservas. A última coisa que essa conversa precisava era de mais tensão. De vez em quando, nesse relacionamento, parecia prudente deixar minha positividade tóxica assumir o controle. Essa cadela poderia sorrir através de qualquer coisa. — Que tal eu organizar uma festa de despedida para você no próximo fim de semana? Dar a todos os seus amigos a chance de dar boa viagem!

— Isso seria ótimo, querida. — Ele finalmente sorriu. — Mas faça isso na sexta-feira. Mamãe quer fazer algo no sábado. Apenas família. Você entende.

— Oh. Certo. Claro.

— E vamos comer em um restaurante.

Eu fiz uma careta. — Isso não é muito tempo para reservar algum lugar.

— Sim, mas você sabe que sua colega de quarto e eu realmente não nos damos bem. Tê-la em sua casa pode ser estranho.

— Se é o que você quer.

— Você é a melhor, — disse ele com um sorriso. E estava tudo bem. Totalmente bem.

— Espere. Ele simplesmente vai fazer as malas e partir? — Cleo sentou-se à minha frente no sofá. — Por um maldito ano inteiro? Você está falando sério?

— Sim.

Tínhamos um belo apartamento de dois quartos na Avalon Way, no oeste de Seattle. Fazia parte de um grande e novo complexo em frente ao campo de golfe. Embora qualquer lugar que ficasse a uma curta distância do Trader Joe's, comida tailandesa, mexicana e churrasco fosse bom para mim. A entrega de comida era meu lugar feliz. A cozinha/área de jantar/estar era em plano aberto e dividíamos um banheiro. Considerando a quantidade de maquiagem e cuidados com a pele que ambas possuíamos, isso exigia alguma organização e compromisso. Mas estávamos juntas há anos. Nos conhecemos no trabalho; ela é fotógrafa e eu sou gerente de mídia social. Uma ótima combinação. Também compartilhamos o amor por sorvetes e livros de romance. Nossa amizade era sólida.

— E você está bem com isso? — ela perguntou.

— É a vida dele. — Dei de ombros. — Você sabe o quão ambicioso ele é. Essa mudança deve acelerá-lo para o

escritório central com o qual ele sempre sonhou. Você deveria ver como ele está animado.

Cleo já estava de pijama e com uma touca de dormir de cetim vermelho. — É com seus sentimentos em relação à mudança que estou preocupada.

— Estou bem.

Ela estreitou o olhar para mim. — Você está, Susie? Você está mesmo?

— Não vou mentir. Isso me surpreendeu no início. Foi minha culpa me perguntar se a mudança de última hora em nossos planos de encontro significava que ele poderia me pedir para morar com ele, — admiti com uma careta. — Estúpida, eu sei.

Seu sorriso torto não era nada favorável. E é justo.

— Não que isso fosse necessariamente uma boa ideia agora, — eu disse apressadamente. — No entanto, pode ter sido o ímpeto para ele concordar com alguma terapia de casal que não faria mal. Mas estou divagando... comecei a pensar na mudança dele para Londres por um ano e... isso poderia realmente ser bom para nós.

— Por favor, explique.

— Primeiro, algum tempo separados para testar nossa determinação de permanecermos juntos. Para ver se nosso relacionamento tem o que é preciso para ir até o fim.

— Certo. — Ela assentiu. — O que mais?

Abri o zíper das minhas botas de couro preto de salto alto e libertei meus pobres pés doloridos. — Uma pequena distância pode tornar o coração mais afetuoso.

— Você acha que essa mudança pode fazer com que ele finalmente te aprecie?

— Ele não é tão ruim assim. Mas sim. Talvez.

Cleo passou por um divórcio infernal alguns anos atrás. Sua opinião sobre os homens e os relacionamentos não era boa. Porém, ela finalmente começou a sair com alguém, um barista local chamado Josh. Ele precisou de meses de paciência para convencê-la a lhe dar uma chance. Ela parecia cautelosamente feliz namorando o homem. O que era lindo de ver.

— Eu sei que você o ama, — ela disse com um sorriso sombrio. — Mas...

— Sim. Nós tivemos essa conversa. Seria bom se vocês dois se dessem bem, mas nem todo mundo se dá.

Ela assentiu. — Nós tivemos essa conversa. Muitas vezes. Não posso deixar de sentir que este mundo seria um lugar melhor se nossos corações fossem um pouco mais inteligentes.

— Talvez.

— Então você precisa de um restaurante para sábado à noite?

— Sexta-feira, — eu disse. — A mãe dele vai fazer algo no sábado. Somente família. — Ela me deu *o olhar*.

— Eu sei, eu sei. Mas eles são um grupo muito unido. Eu realmente sinto que estou fazendo avanços com a mãe dele. Como se estivesse prestes a receber um convite para esses eventos familiares.

Cleo apenas balançou a cabeça.

Dei de ombros. — É um sonho lindo.

— Família pode ser complicada pra caralho. Mas eu gostaria muito mais do homem se ele demonstrasse a menor inclinação para te apoiar.

Embora eu tentasse ser uma pessoa positiva e apoiar meu homem, não sabia o que dizer sobre isso. Tudo já havia sido dito antes. O tempo diria.

Foram necessários aproximadamente quinhentos telefonemas, mas encontrei um bom bar e churrascaria local para a festa. Eu poderia colocar meu trabalho em dia no fim de semana; tornar esta noite boa para Aaron era minha prioridade. Eu estava usando meu longo cabelo escuro preso em um nó e um vestido preto com salto alto. A roupa acentuava ao máximo minhas curvas para lembrar ao meu namorado o que ele estaria perdendo. E para onde voltaria em um ano.

Quando liguei para minha querida tia Susan na quarta-feira à noite para pedir alguns conselhos, ela recomendou que eu o mandasse embora com um sorriso, garantindo assim que ele voltasse o mais rápido possível. Então esse era o plano. Embora nunca tivesse sido casada, tia Susan era sábia em todos os sentidos. Depois que meus pais se separaram, ela basicamente me criou. Conversávamos sobre tudo e mais alguma coisa. Mas eu não tinha certeza se queria saber qual seria a opinião dela sobre a cena que estava acontecendo diante de mim agora.

Sexta-feira à noite, uma hora e meia depois do início da festa de despedida, Aaron estava bêbado. Não bêbado feliz, mas bagunçado derramando sua bebida. Alguns amigos de seu escritório estavam comprando doses para ele. Eles estavam no bar, gritando a letra de alguma música, e *ugh*. Enquanto isso, sentei-me à longa mesa reservada para a nossa festa, bancando a anfitriã de vários outros amigos e conhecidos dele. Não era nada estranho.

— Você está bem? — perguntou Lars.

Colei um sorriso. — Claro.

Lars era loiro, de pele bronzeada e tipo lenhador gostoso. Mais homem da montanha do que hipster. Ele trabalhava como empreiteiro e tinha os músculos e o ar desleixado para provar isso. Sendo o melhor amigo de Aaron, Lars era frequentemente convidado quando íamos ao cinema ou a bares. Passamos bons momentos juntos no último ano. Ele tendia a ser mais quieto e sério por natureza do que seu melhor amigo. Eles formavam uma mistura interessante.

E a namorada de Lars, Jane, não era apenas elegante, mas também um espetáculo. Ela também era francamente honesta.

— Você não pode falar com ele? — ela perguntou a Lars, nada impressionada.

— Um pouco tarde para isso, — resmungou Lars.

— Ele tem trinta e cinco. Que porra ele está fazendo agindo como um garoto de fraternidade?

Eu apenas dei de ombros. — A festa é dele. Acho que ele pode ficar bêbado se quiser.

Lars franziu a testa, mas manteve a boca fechada.

— Provavelmente é o estresse de tudo isso o alcançando, — eu disse. — Muitas coisas para organizar e assim por diante.

— Você é uma boa mulher dando desculpas para ele. — Jane jogou o cabelo por cima do ombro. — E você está linda esta noite, se eu já não disse isso. Lars, diga a Susie como ela está magnífica.

Lars apenas encolheu os ombros. — Ela sempre está linda.

O calor que acendeu em meu peito com suas palavras – eu realmente devia estar precisando de alguma gentileza. — Obrigada.

Lars largou sua bebida e me olhou nos olhos. — É apenas a verdade, Susie.

Eu sorri e ele sorriu de volta para mim. E talvez esta noite não esteja tão ruim, afinal.

— Você a fez sorrir. Excelente elogio. Trabalho bem feito.

Jane deu um tapinha em um de seus ombros largos. Um jovem e atraente garçom aproximou-se da mesa com nossas refeições e ela lhe deu um amplo sorriso. — Olá! Isso parece delicioso! Qual o seu nome?

De repente, Lars franziu a testa até o enésimo grau. Eu me perguntei o que era aquilo.

— Vou dizer a ele que o jantar está sendo servido. — Empurrei minha cadeira para trás e alisei a frente do meu vestido. Não que Aaron tenha notado o esforço que fiz para estar no meu melhor. Eu ganhei um beijo distraído na bochecha no início da noite e isso foi tudo. Acho que ele tinha muito em que pensar.

Ele e dois de seus colegas de trabalho formavam um grupo unido e turbulento, parados no final do bar. Beber tanto não era normal para Aaron. Mas, novamente, era uma ocasião importante. Mudar para o exterior e começar um novo emprego e tudo. Eu só tinha que ser paciente e compreensiva. Isso também passaria. Ainda não tínhamos feito planos para seus últimos dias nos Estados Unidos. Eu tinha certeza, porém, de que teríamos algum tempo de qualidade a sós. Uma chance de dizer adeus adequadamente. Algo envolvendo sexo e romance porque equilíbrio era tudo.

— Aaron? — Eu sorri e coloquei minha mão na dele. — Eles estão servindo o jantar.

— Huh?

— Ei. Eles estão servindo o jantar.

Ele piscou para mim e franziu a testa. Então ele me sacudiu e disse: — Estaremos lá em um minuto, Susie.

— Tudo bem.

— Vamos lá cara. — Lars apareceu ao meu lado. Ele deu um tapa nas costas de Aaron e sorriu. — Venha e faça um discurso. Fale com alguns de seus outros convidados. Quase não te vi a noite toda.

Com um sorriso desleixado, Aaron seguiu seu melhor amigo de volta à mesa.

Eu era invisível, acho. Era a única explicação possível. Um nó de tensão apertou meu estômago. A ideia de comer não me emocionou. Mas sentei-me ao lado do meu namorado e dei meu sorriso mais lindo. Esta noite podia não estar indo como eu esperava, mas tanto faz. Aaron estava claramente se divertindo muito. Tudo ficaria bem.

— O que você pediu? — perguntou Lars, sentado à minha frente.

— Bolos de caranguejo. E você?

— Camarão e grãos.

— Ah, boa escolha. Vamos dividir os pratos?

Lars assentiu. — Absolutamente. Guarde um pouco de limão para mim.

— Vocês dois são tão estranhos com sua coisa de comida, — disse Jane rindo.

Dei de ombros. — Experimentar mais itens do menu sempre vale a pena. — Lars estava ocupado demais comendo para responder.

Com um solavanco, Aaron levantou-se, com um copo de uísque na mão. Como se precisasse de mais. Acho que ele decidiu fazer um discurso, afinal. — Ei, pessoal. Obrigado por estarem aqui esta noite.

Todas as cerca de doze pessoas que vieram desejar-lhe boa viagem ficaram em silêncio. Muitos tinham outros planos. Mas consegui reunir seu grupo principal de pessoas

do trabalho, da academia e assim por diante. O som de talheres sendo pousados e a música saindo do aparelho de som encheram o ar. Tomei um gole da minha água com gás. Um de nós deveria estar sóbrio caso fosse necessário um adulto coerente.

E não importava que ele não tivesse me agradecido por organizar a festa.

Porém, isso teria sido bom. Em vez disso, ele cambaleou e disse: — Receber a oferta desta promoção foi... um grande negócio, e estou muito feliz em ver todos vocês antes de partir. Muito feliz. Esta é uma ótima noite. O trabalho vai ser incrível. Mal posso esperar para chegar lá e começar.

Ele fez uma pausa e algumas pessoas aplaudiram educadamente.

— Ainda não terminei, — ele balbuciou. — Esse é apenas o lado profissional das coisas. Pessoalmente, mal posso esperar para chegar a Londres e aproveitar *tudo*, se é que vocês me entendem. — Então ele riu e fez uma tentativa sólida de piscar. O que não era muito duvidoso. De forma alguma.

O que diabos é isso? Eu congelei quando quase todos os pares de olhos na mesa se fixaram em mim. Minha pele queimou com uma mistura de vergonha e raiva. Nos dez momentos mais humilhantes da minha vida, este era o novo vencedor.

Algum idiota na ponta da mesa gritou: — Sim, cara! Vai fundo!

Em seguida veio o som da risada do irmão.

— Ele acabou de... — Jane disse com a boca aberta de horror. — Puta merda.

Lars apertou a mão dela. Um apelo silencioso para ela calar a boca, se conheço um. Enquanto isso, meu namorado idiota sentou-se e cumprimentou bêbado os dois irmãos igualmente embriagados do nosso lado. O silêncio à mesa continuou até que Lars pegou o garfo e recomeçou a comer, como se nada tivesse acontecido. Jane seguiu seu exemplo, e outros também.

Isso não estava acontecendo comigo. Seriamente.

Inclinei-me para mais perto do meu namorado e perguntei em voz baixa: — Aaron?

— Hum?

— O que você quis dizer com *tudo* que Londres tem a oferecer?

Ele zombou. — Nada, querida. Não se preocupe com isso.

— Hum. Não. Não foi nada. E definitivamente estou preocupada com isso. — Lambi meus lábios e escolhi minhas palavras com cuidado. — Você disse que queria que tentássemos um relacionamento à distância.

— Sim?

Tentei lhe oferecer um sorriso, mas isso não aconteceu. Minha boca não tolerava a mentira, aparentemente. — É isso que você quer? Você não mudou de ideia?

— Foi o que eu disse, não foi?

— Sim, — concordei. — Mas você também acabou de insinuar que está ansioso para me sacanear. Então pode ver como posso estar um pouco confusa.

Ele deixou cair o garfo, fazendo barulho no prato. — Droga, Susie, não foi isso que eu disse. E você sabe que não gosto quando fala assim. Senhoras não deveriam usar esse tipo de linguagem.

— Pare de ser hipócrita e responda a porra da pergunta.

Ele estremeceu ao olhar para o comprimento da mesa sob as sobrancelhas escuras. Como se estivesse preocupado que as pessoas estivessem ouvindo nossa conversa. — Você e seu ciúme. Você está sempre tirando conclusões precipitadas. Para ser brutalmente honesto, é por isso que estou indo. Para conseguir algum espaço de você.

— O que?

— Podemos apenas nos divertir, por favor?

Recostei-me na cadeira e olhei para ele. Estudei-o, realmente. A maneira como seus ombros estavam curvados e como sua mandíbula estava cerrada. Como se ele estivesse escondendo um segredo ou algo assim. — Aaron, olhe para mim.

— O que? — Ele olhou para seu prato. — Pare com isso. Você está causando uma cena.

— Olhe para mim.

— O que? — ele rosnou e finalmente encontrou meus olhos.

— Você está planejando me trair em Londres?

Ele virou o rosto. — Pare de ser ridícula. Deus, você é constrangedora. Você está estragando tudo.

Minhas costas ficaram retas. Era como se uma lâmpada tivesse sido acesa dentro da minha cabeça. E todas as baratas metafóricas correndo em direção às sombras eram... Uau. Era comovente e horrível em igual medida. A bagunça que eu fiz. A familiaridade de me sentir assim, de saber que algo estava errado. Só que desta vez, eu não estava caindo na besteira dele de que era tudo culpa minha. Eu não permitiria que ele voltasse isso contra mim. Eu estava bem ciente dos meus vários problemas e neuroses, mas não eram eles que me desencaminhavam. Era ele.

Como ignorei os sinais? O que aconteceu comigo? Em algum lugar ao longo do caminho, deixei de ser uma idiota e passei a usar uma placa que dizia *"Chute-me"*.

— O problema é, Aaron, que você não é um mentiroso tão bom quanto pensa que é. Só demorei um pouco para ver.

— Já chega, Susie, — ele sibilou. — Falaremos sobre isso mais tarde.

— Não. Acho que deveríamos discutir isso agora.

Ele franziu o rosto bonito e bateu na mesa com a palma da mão, fazendo-a tremer. Fazendo-me pular na cadeira. E, inferno, se todos não soubessem que algo estava acontecendo antes, com certeza sabiam agora. — É isso, — ele gritou. — Já estou farto. Terminamos.

— Ei, — disse Lars com sua voz profunda. — Acalma-se.

— Sim. Terminamos aqui. — Coloquei o guardanapo sobre a mesa, levantei-me e endireitei os ombros. De jeito nenhum esse idiota me veria chorar. Recusava-me a dar-lhe essa satisfação. — Tenha uma boa vida, Aaron.

Dois

— Pensei ter ouvido alguém aqui. — Tia Susan, minha xará, juntou-se a mim nos degraus da frente de sua casa. Passava um pouco das nove, noite da festa de despedida de Aaron.

Ela possuía uma antiga casa de campo de dois quartos em Ballard. O lugar definitivamente já tinha visto dias melhores. Mas, para todos os efeitos, ainda era minha casa. Quando criança, sempre me senti bem-vinda aqui. Meus pais estavam muito ocupados com suas vidas após o divórcio para ter tempo para os filhos. Andrew só queria ir para a casa dos amigos. Tia Susan, porém, sempre tinha tempo para mim. Então é claro que foi para cá que eu corri quando minha vida virou uma merda. Este era meu lugar seguro. Meu refúgio. Apesar de ter ficado desgastado e cheio de lixo ao longo dos anos.

— Susie. — Ela envolveu firmemente seu roupão de lã rosa e colocou uma longa mecha de cabelo prateado atrás da orelha. — O que você está fazendo sentada aqui no escuro?

— Eu estava me preparando para entrar. Só queria me controlar primeiro. — Era uma noite muito fria. Encolhi-me em meu casaco de lã com meu cachecol Alexander McQueen preto bem enrolado no pescoço e assoei ruidosamente o nariz em um lenço de papel. — Aaron e eu terminamos.

— Oh meu amor. — Ela passou um braço em volta dos meus ombros e me deu um aperto. — Eu sinto muito por ouvir isso.

— Nem você nem Cleo gostavam dele. O que deveria ter sido uma grande bandeira vermelha, mas de alguma forma não foi. Não sei o que diabos eu estava pensando.

— Nem sempre podemos ajudar aonde nosso coração nos leva.

— Sim. — Eu solucei e enxuguei as lágrimas do meu rosto. Minha maquiagem devia estar uma bagunça. Eu provavelmente parecia uma palhaça feia com o coração partido. Não estava muito longe da verdade. Aaron já havia me tratado como uma piada por tempo suficiente. E eu deixei... não vamos esquecer esse maldito detalhe importante. — Eu realmente tinha sentimentos por ele. Achei que poderíamos fazer funcionar. Agora, porém...

Ela não disse nada. Apenas esperou pacientemente que eu revelasse minhas angústias. Assim como sempre fez. Ela cheirava a lavanda que colhia dos arbustos na frente de sua casa e enfiava entre as gavetas de roupas. Algumas coisas nunca mudavam.

— Ele se levantou e anunciou durante o jantar que mal podia esperar para experimentar *tudo o* que Londres tinha a oferecer, — expliquei com voz rouca, graças à dor de garganta de tanto chorar. — Então ele riu e piscou. E então realmente teve a audácia de agir como se isso não significasse nada e me acusou de causar uma cena quando perguntei a ele sobre isso.

— Que idiota. — Tia Susan estalou a língua. — Pelo que me lembro, seu pai costumava tentar fazer o mesmo com sua mãe. A manipulava controlando a história e fazê-la duvidar de si mesma. Divorciar-se do meu irmão foi a coisa mais inteligente que aquela mulher já fez. Além de deixa-la passar tanto tempo comigo, é claro.

— Oh cara. — Eu funguei e dei uma olhada para ela. — Você está me dizendo de forma não tão sutil que tenho procurado pelo idiota do meu pai nos homens com quem estou namorando?

— Acho que estava dizendo de maneira mais sutil que você teve êxito.

— Ótimo.

Ela deu um beijo na minha têmpora. — Viva e aprenda.

— Mas agora tenho trinta anos. Eu deveria saber melhor!

— Com licença. Tenho quase sessenta anos e ainda estou aprendendo coisas novas sobre mim e meu lugar neste mundo e tudo o que está além, — ela repreendeu suavemente. — Algumas aulas demoram o tempo que demoram. Não há pressa. E questões que restaram da infância podem ser algumas das mais difíceis de enfrentar.

— Eu acho que sim.

— Sinto muito que seu coração esteja doendo. Mas pelo menos você sabe que só o quer. Você não *precisa* dele.

— Eu sei.

Ela assentiu sabiamente e disse: — Às vezes pode ser difícil ficar sozinha. Não ter alguém especial. Porém, ele nunca te tratou exatamente como se você fosse especial, não é?

Eu me encolhi e mantive minha boca fechada. O que era revelador.

— Você é maravilhosa, brilhante e tão linda que me cega. Não aceite menos do que lhe é devido, meu amor.

— Obrigada.

— A qualquer hora, — disse ela. — Você quer entrar e tomar uma xícara de chocolate?

Eu balancei minha cabeça. — Não, obrigada. Vou para casa e dormir um pouco. Dar a Cleo as boas notícias.

— Justo. Eu deveria ir para a cama. As coisas têm estado tão ocupadas ultimamente que eu poderia ter uma boa noite de sono. — Ela bocejou e apertou meu ombro. — Que tal o café da manhã amanhã? Poderíamos fazer waffles?

— Isso seria bom.

Entrei na casa da tia Susan na manhã seguinte. Depois de acordar com dor de cabeça de tanto chorar, apliquei quase um recipiente de corretivo, tomei um pouco de Tylenol e vesti minha roupa mais confortável. Jeans largos com capuz e tênis vencedor. Roupas para me esconder e me confortar. Porém, elas ainda eram pretas, porque basicamente tudo que eu possuía era preto.

Coração partido era uma merda total. Mas isso também passaria. Cleo estava dormindo quando cheguei em casa ontem à noite. Eu mandei uma mensagem para ela com a notícia e acordei com uma enxurrada de mensagens de apoio dela. Era bom ter uma amiga que me apoiava.

A casa estava silenciosa quando cheguei, pouco depois das nove. Tia Susan deve ter decidido dormir até mais tarde. Um carro passou lá fora, mas dentro da casa parecia outro mundo, um mundo em si. Nenhuma das luzes estava acesa, mas o sol de inverno espiava pelas bordas das cortinas fechadas, transformando o espaço em sombras. Meu sono foi agitado e cheio de pesadelos. Mas entrar nesta casa suavizou as piores arestas. Isso me acalmou. Aqui era amada e aceita.

Era exatamente o que eu precisava depois de acordar com a mensagem de voz de Aaron. O idiota ligou pouco depois das duas da manhã bêbado. Ele deixou um discurso incoerente me oferecendo a chance de retornar às suas boas graças se eu concordasse com um relacionamento aberto e implorasse seu perdão pela minha raiva na noite passada.

Como se eu fosse. Que filho da puta. Não haveria dúvidas sobre minha decisão de abandonar nosso relacionamento. Tia Susan estava certa: eu não precisava dele. Ele nunca me tratou como se eu fosse especial. Uma verdade difícil de enfrentar, mas mesmo assim um fato. Eu perdi um ano esperando que um idiota visse o meu valor, quando deveria ter mais respeito por mim

mesma. Engraçado como as coisas sempre foram tão óbvias em retrospecto. E por engraçado, quero dizer *ugh*.

O ar dentro da casa estava carregado de poeira e cheiro de lavanda.

Tia Susan tentava manter o lugar limpo. Mas a enorme quantidade de coisas tornava tudo difícil. Uma árvore de Natal estava perto da lareira, lembrando-me que o tempo estava passando e que eu nem tinha começado a fazer compras. O que diabos aconteceu com este ano?

Na sala, uma coleção de caixas de armazenamento cresceu desde a minha última visita. Com o porão, o sótão e o quarto dos fundos lotados, o espaço neste lugar era escasso. Você poderia dizer que tia Susan era uma colecionadora. E estaria certo. Sua aversão à mudança refletia-se ainda mais no velho papel de parede salpicado de dourado e carpete felpudo, junto com a cozinha e o banheiro originais de antigamente. Meus avós, que eram donos da casa antes de tia Susan, tinham uma mentalidade semelhante. Guarde tudo, não deixe nada. O lugar parecia um museu dedicado às coisas perdidas e esquecidas. Não importava. Eu ainda adorava isso aqui.

Bati suavemente na porta do quarto de tia Susan e a abri.

Nada se mexeu na cama. Nenhum barulho foi feito. Sem farfalhar de cobertas ou colchão rangendo. Nem mesmo o suave entrar e sair de sua respiração.

Algo estava errado. Um pensamento indesejável passou pela minha cabeça, mas o afastei o mais forte e

rápido que pude. Acendi o abajur de cabeceira e um fraco jato de luz lançou longas sombras e iluminou a forma de seu corpo sob os cobertores. Ela era tão pequena que quase parecia uma criança. Seus olhos estavam fechados, a mão ao lado do rosto no travesseiro. Como se estivesse procurando alguma coisa quando adormeceu.

Só que ela não estava dormindo.

Não sei como eu sabia. Acho que era por causa do silêncio do chalé. Como se estivesse prendendo a respiração. Como se estivesse de luto. Tia Susan adorava ocupar espaço, fazer barulho. Mesmo dormindo ela respirava pela boca e roncava. Agora aqui estava ela, pequena e estática. Sua expressão parecia pacífica, pelo menos. Sentei-me cuidadosamente na beira do colchão e toquei sua mão.

Sua pele estava tão fria. Ela devia estar morta há horas. Vê-la assim era bizarro. Como se qualquer centelha de magia que a trouxe à vida tivesse partido. Mas por alguma razão, não chorei nem gritei. Eu apenas fiquei lá segurando a mão dela.

A dor tomou conta de mim como uma segunda pele. Não havia palavras adequadas para descrever a perda. O peso da sua ausência. Eu estava aqui e ela se foi, e era isso. Se eu soubesse que a noite passada seria minha última vez com ela, não teria desperdiçado o tempo reclamando de Aaron, isso é certo. Cento e uma coisas me vieram à mente... coisas que eu deveria ter perguntado a ela. Histórias sobre ela e sua vida que eu deveria ter

reservado um tempo para ouvir. Já era tarde demais. E esse era um arrependimento que eu carregaria pelo resto da minha vida.

Afastei o cabelo do rosto dela e disse: — Eu te amo, tia Susan. Obrigada por tudo.

Isso foi o mais próximo que consegui de me despedir.

Choveu no dia em que enterramos tia Susan. O melhor clima de Seattle: um vento gelado e um céu cinzento e raivoso. Embora quando o serviço terminou, o sol apareceu e a montanha já havia aparecido. Era um milagre de Natal.

Eu nunca havia carregado um caixão antes e esperava nunca mais precisar fazê-lo. Mas decidi carregar o dela depois de todos os anos que ela me carregou. Minhas entranhas pareciam vazias e rasgadas. Como se eu tivesse perdido muito rapidamente.

Mas perder tia Susan certamente não me fez sentir falta de Aaron. Não era como se ele tivesse ajudado no funeral. O idiota provavelmente teria levantado uma sobrancelha para meu terninho preto e me perguntado se eu realmente achava que usar meu cabelo preso em um rabo de cavalo era adequado para a ocasião. Todas as pequenas maneiras pelas quais ele costumava me diminuir pareciam tão óbvias agora. O amor pode fazer de você um tolo. Tia Susan estava certa sobre isso.

Fizemos o velório em um bar do bairro perto da casa dela. Ela jogava Scrabble lá todas as segundas-feiras à

noite com um grupo há anos, e eles tinham uma pequena sala para eventos privados. Uma seleção de fotos que escolhi estava sobre uma mesa no canto. Tia Susan quando bebê. Brincando na praia quando criança. A extravagância ruim de permanente e organza de seu baile de formatura dos anos 80...

— Ei, — disse Cleo, batendo o ombro no meu. — Como vai?

— Estou bem. Obrigada por ter vindo.

— Claro.

Tomei um gole de cerveja e olhei ao redor da sala.

Alguns amigos de tia Susan estavam sentados ao redor de uma mesa com velas acesas no centro. Eles pareciam estar orando ou cantando silenciosamente. Minha tia participava ativamente de muitos grupos locais, inclusive de um grupo pagão. Era bom que houvesse espaço para todos e suas crenças. As pessoas contavam todo tipo de histórias sobre ela. Algumas que me fizeram rir e chorar. Os funerais eram tão estranhos. Era estranho ficar conversando e bebendo para comemorar a súbita ausência de pilares em nossas vidas. Mas o que mais poderíamos fazer?

O médico legista confirmou que ela morreu de derrame. Que teria sido rápido e sem dor. Porém, não sei o quanto disso foi dito para me deixar à vontade.

Uma música antiga do Heart de repente tocou no aparelho de som. A senhorita Lillian, uma amiga de Susan, me fez um sinal de positivo no bar. Ela obviamente havia

feito um pedido de alguma música. As pessoas pareceram se animar e o ar geral de tristeza diminuiu um pouco. Agora parecia mais uma festa.

— Tia Susan aprovaria, — disse Cleo.

Eu balancei a cabeça. — Ela adorava uma boa reunião. Isso é muito mais do gosto dela. — Meu irmão mexeu no nó da gravata e me deu um breve sorriso. Não éramos particularmente próximos. Assim como nosso pai, Andrew era viciado em trabalho e não deixava muito tempo para a família e os amigos. A última vez que o vi foi quando mamãe e o novo marido estiveram na cidade há alguns meses.

— Tenho que ir, — disse ele. — Mas devemos reservar um tempo para conversar em breve.

— A respeito?

— A herança, — disse ele. — Quando veremos o advogado dela?

— Eu vi o advogado dela ontem.

Ele estreitou o olhar para mim. — Susie, por que não me contaram sobre isso?

— Por que isso não dizia respeito a você?

— O que? — Ele recuou. — Por que o patrimônio de nossa tia não me diria respeito?

— Ela não deixou nada para você, Andrew. Você não foi mencionado. Desculpe. — Eu tentei ser gentil. Mas duvido que tenha sido. A legitimidade em sua voz estava me deixando nervosa. — Estou surpresa que você achou que seria. Você nunca esteve perto dela. Quando papai nos

obrigava a ir para a casa dela, você sempre ia para a casa de um amigo.

— Ela ainda era minha tia.

— Quando foi a última vez que você a viu?

— Isso não vem ao caso.

Cleo balançou a cabeça e não disse nada. Muito disso.

— Ela deixou *tudo* para você? A casa também? — ele perguntou, sua voz aumentando para um grito.

Isso meio que me surpreendeu, para ser honesta. O que era estúpido. Andrew me lembrava nosso pai por vários motivos. Quando papai não conseguia o que queria, ele ficava mais do que feliz em falar alto. Uma manobra clássica de intimidação. O pior foi o que tia Susan disse sobre minhas tendências para namoro, como eu ia atrás de homens com características idiotas semelhantes. Ui *e nojento.* Assim que terminássemos aqui, eu me sentaria e teria uma discussão séria comigo sobre como mudar meus hábitos. Ponto.

— Você vai vender a casa e me dar metade, é claro, — ele insistiu. — Não vai?

— Você está realmente gritando comigo por causa de dinheiro na porra de um funeral?

— Susie...

— É por isso que você está aqui hoje? Para colocar as mãos na casa dela? — Deixei minha cabeça cair para trás e olhei para o teto. Onde quer que tia Susan estivesse, se pudesse ouvir isso, ficaria furiosa. — Hoje é para celebrar a vida da nossa tia. Ouvir histórias sobre ela e reservar um

momento para agradecer por conhecê-la. Que ela fazia parte de nossas vidas.

— Papai disse que a propriedade deveria ser dividida igualmente entre nós.

— Eu não ligo.

— Mamãe também achou que seria melhor.

— Repito, não me importo. Nossos pais podem pensar qualquer bobagem que quiserem. E ter um ataque de raiva não vai te trazer o que quer aqui. — Seu rosto ficou vermelho de raiva.

— Ela era minha tia também. É justo.

— Você achava que ela era uma boba. Você não tinha utilidade imediata para ela, então a considerava inútil.

— Susie…

— Estou falando, — interrompi em voz alta. — E é tão triste. É realmente. Você perdeu, Andrew. Porque ela era ótima. Sábia e engraçada e simplesmente maravilhosa de estar por perto. Ela tinha muito amor para dar e se importava conosco. Ela realmente se importava. Quando mamãe e papai estavam muito ocupados, era ela quem arranjava tempo para mim. Se você tivesse dado uma chance a ela, tirado um momento para conhecê-la, então saberia como é uma perda não tê-la mais aqui conosco. Mas tudo o que hoje significa para você é uma chance de tentar colocar as mãos em algo que não é seu e que você não merece.

— Você está sendo ridícula.

— Saia. Agora.

— Susie...

— Se você tivesse alguma ideia de como estou doente e cansada de ver homens legítimos me desaprovando e me encarando com suas besteiras hipócritas...

— Isso não terminou. — Seu queixo ergueu-se e ele olhou para mim. Como se pudesse me encarar até a submissão. Então ele marchou com seu traseiro idiota para fora da porta.

Nesse ponto, meus ombros caíram e baixei a cabeça.

— Bem, — disse Miss Lillian, sua abundância de pulseiras de prata tilintando junto com cada movimento que ela fazia. — Sinto que precisamos vigiar o lugar depois disso.

— Que tal tomarmos doses em vez disso? — sugeriu Cléo.

A senhorita Lillian balançou as sobrancelhas. — Não que eu devesse contar a você, mas Susan era uma viciada em tequila naquela época.

Eu soltei um suspiro. — Agora, isso parece bom. Vamos fazê-lo.

— Não acredito que tia Susan foi presa por brincar nua em um parque da cidade e nunca me contou. — Sorri e coloquei minha bolsa por cima do ombro. Toda a tequila, salgadinhos de milho e salsa causaram um calor na minha barriga. Um sentimento melancólico substituiu a dor da

tristeza. Por enquanto, pelo menos. — Que lenda ela era. Estou feliz por ter ouvido falar disso.

— Parece que sua tia e a Srta. Lillian fizeram todo tipo de coisa na faculdade.

— Não é legal como elas permaneceram próximos todos esses anos?

Cleo bateu no meu ombro novamente. Era a versão dela de um abraço. Quase não tropecei. Acho que não estava tão bêbada quanto pensava. Mas Cleo riu de mim mesmo assim.

Tinha sido gentil do bar nos deixar ficar na sala de eventos bebendo e contando histórias além das horas designadas pelas quais pagamos. Minha primeira vez jogando Drunk Scrabble. Acho que tia Susan teria aprovado. Histórias foram contadas e canções foram cantadas. Embora algumas lágrimas tenham sido derramadas ao longo do caminho, no geral foi mais uma questão de celebrar sua vida do que de lamentar sua perda. Não havia muita gente. Mas as pessoas que estavam presentes eram divertidas, gentis e cheias de amor por minha tia. Você não poderia pedir mais.

— Acho que ela teria gostado, — disse Cleo enquanto nos preparávamos para sair.

Abotoei meu casaco de lã preto enquanto nos dirigíamos para a porta. Eram quase oito horas e a parte principal do bar estava lotada de clientes. Uma música antiga do Soundgarden tocava nos alto-falantes e muitos cantavam junto. Meu olhar capturou um rosto familiar no

final do bar. Era difícil não notar Lars, todo alto e loiro. Nenhum sinal de Aaron, graças a Deus. Tinha sido um dia difícil sem adicioná-lo. Embora, é claro, ele já tivesse partido para Londres. Jane estava sentada num banquinho rindo de alguma coisa. Lars sorriu para ela. Ele parecia obcecado. Totalmente absorto nela. E o homem tinha um belo sorriso. O grandalhão era bonito e másculo. O que realmente me impressionava, entretanto, era a maneira como eles interagiam. Como gostavam um do outro. Apenas felizes por estar na companhia um do outro. Isso era o que eu queria. E se não pudesse ter isso, então estaria melhor sozinha.

— O que estamos olhando? — perguntou Cléo.

—Alguns amigos de Aaron estão no final do bar.

Ela lambeu os lábios. Provavelmente ainda lidando com os restos de sal de todas as chupadas labiais que estávamos fazendo. — O grandalhão? Ele é bonito. Você quer ir até lá e cumprimenta-lo?

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Nós sempre nos demos bem, mas... vamos lá.

— Susie, — chamou uma voz familiar. E lá estava Lars vindo atrás de mim com seu passo largo. — Ei.

— Oi, — eu disse. Isso não era nada estranho.

— Estarei aqui. — Cleo se afastou para olhar a jukebox e nos dar um momento de privacidade. Tanta privacidade quanto você poderia ter no meio de um bar lotado.

E seu rosto – ele parecia tão sincero.

— Como você tem estado?

— Tudo bem. Você?

— Bem.

Eu apenas balancei a cabeça.

— É bom te ver, — disse ele. — Você está… sim… ótima.

Seriamente estranho, por mais estranho que pudesse ser. Jane estava me acenando com o dedo e eu sorri de volta para ela. As pessoas que você perdia depois de um rompimento eram muitas. Esses dois eu definitivamente gostava. Jane era divertida e Lars era… bem, ele era Lars.

— Obrigada, — eu disse. — Vocês dois parecem que estão em um encontro. É melhor eu deixa-los voltar ao assunto.

— Certo, — ele disse e ficou lá olhando para mim. — Acho que te vejo por aí, Susie.

— Claro. Vejo você por aí, Lars.

Enganchei meu braço no de Cleo e atravessamos a multidão até a porta da frente. Lá fora o céu estava claro, as estrelas brilhando intensamente. Todo um universo delas brilhava acima de nossas cabeças. O ar estava fresco e frio. As luzes festivas enchiam as janelas da frente do bar.

— O que o grandalhão tinha a dizer? — perguntou Cléo.

— Não muito. Ele é o melhor amigo de Aaron. O que ele poderia dizer?

— Verdade.

— O Natal vai ser uma droga sem ela, — eu disse, do nada.

— Você vem comigo para a casa da minha mãe este ano. Já está decidido, — disse Cleo. — Ela disse que você é a responsável pelo vinho.

— Obrigada.

— Claro.

— Família escolhida é uma coisa boa. Tenho muita sorte de ter você.

Ela apenas sorriu.

Uma mulher usando chifres de rena passou de braços dados com um homem.

Eles pareciam felizes. Antes de partir, a senhorita Lillian nos disse que tínhamos a responsabilidade de sair e amar o mundo. Viver as nossas vidas da melhor forma possível, porque a tia Susan já não tinha oportunidade de fazer isso. E, juro por Deus, eu continuaria tentando. Começando sem mais homens. Pelo menos por enquanto. Eu precisava de tempo para lidar com os acontecimentos recentes. Para descobrir a mim mesma e porque os relacionamentos que escolhia continuavam a queimar. Para me mostrar um pouco de amor e compreensão. Esperançosamente, tudo isso me levaria a fazer escolhas melhores. Uma garota só podia ter esperança. Mas cuidar da casa da tia Susan e de todo o trabalho necessário me manteria ocupada por um tempo. Quando pensei na quantidade de coisas a serem tratadas... *Ufa.* Não haveria tempo para me preocupar com homens e essas bobagens por um tempo. Não era algo ruim.

— Você acha que vai conseguir outra colega de quarto depois que eu me mudar? — Perguntei. — Não que isso seja imediato. A casa vai levar algum tempo para ser arrumada.

Cléo franziu a testa. — Não sei.

— Vou sentir falta de não tê-la para conversar o tempo todo.

— Vou sentir falta de pegar seus sapatos emprestados.

Eu balancei a cabeça. — Eu tenho ótimos sapatos.

— Você não estará tão longe. Ainda nos veremos o tempo todo. — Ela sorriu. — Parece que a vida está agitando as coisas. Como se fosse hora de algumas mudanças.

— É assim que parece, não é?

— Olha, — disse Cleo, apontando para o céu. — É uma estrela cadente. Faça um pedido.

Nós duas olhamos para a beleza do meteoro caindo no espaço. Então perguntei: — Você acha que isso é um sinal de dias melhores pela frente?

Ela encolheu os ombros. — Definitivamente poderia ser isso.

— Sim. — Eu sorri. — Vamos para casa.